

Afetos perdidos num lar em ruínas: uma análise do podcast “A Mulher da Casa Abandonada” sob a perspectiva do Jornalismo Sensível

Lost affections in a home in ruins: an analysis of the podcast “A Mulher da Casa Abandonada” from the perspective of Sensitive Journalism

Luiza Gould

Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (2020) e autora do livro A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social (Appris, 2022). Pesquisadora vinculada ao grupo Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais e ao Laboratório de Pesquisas Aplicadas (LaPA), ambos do PPGMC/UFF. Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (2015). Possui como temas de interesse a reportagem, a constituição de narrativas, a memória, a mídia impressa e online, o jornalismo literário. Email: luizagould@gmail.com

Victor Rocha

Doutorando em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (2020) e autor do livro O Jornalismo Sensível: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos (Appris, 2022). Pesquisador vinculado ao grupo Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais e ao Laboratório de Pesquisas Aplicadas (LaPA), ambos do PPGMC/UFF. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (2020). Email: victorrn@yahoo.com.br

Resumo

Buscamos compreender quais técnicas e formatos jornalísticos são capazes de fidelizar os públicos contemporâneos, mantendo credibilidade, função social e informação. Suspeitamos que alguns novos exemplos de mídia informativa de sucesso demonstram uma superação da dicotomia “objetividade e subjetividade”, entre eles o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, que é objeto de análise no presente estudo. Utilizando o conceito de Jornalismo Sensível (ROCHA, 2022), observamos que a preocupação estética e o ritmo da narrativa, além da postura autoral do jornalista, são traços importantes para o êxito do formato, mas também que a obra está imbricada a complexas questões envolvendo detalhes e abordagens que esbarram em ética, lugar de fala e empatia, tramitando sobre uma borrada aresta entre o jornalismo e o espetáculo.

Palavras-Chave

A mulher da casa abandonada, Jornalismo Sensível, Podcast, Grande Reportagem, Crime Real.

Abstract

We seek to understand which journalist techniques and formats are capable to retain the contemporary audiences, keeping in themselves credibility, social function and information. We suspect that some new examples of success informative media are overcoming the "objectivity and subjectivity" dichotomy, among them is the podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, that is our study object in the present paper. By using the concept of Sensitive Journalism (ROCHA, 2022), we can verify that the aesthetic concern and the narrative rhythm, besides the authorial posture from the journalist, are important tools to the success of the format, but also that the product is imbricated in complex issues that involves details and approaches that come up against ethics and empathy, dealing with a blurred edge between journalism and spectacle.

Keywords

A mulher da casa abandonada, Sensitive Journalism, Podcast, In-depth reporting, True Crime.

Introdução

Escrita e narrada pelo jornalista Francisco (Chico) Felitti, a série em podcast de estilo *true crime*¹ “A Mulher da Casa Abandonada” nasceu da curiosidade do autor sobre uma senhora que vivia em uma velha mansão localizada entre grandes prédios num dos bairros mais ricos da cidade de São Paulo. Os estranhamentos causados pela imagem cotidiana da casa e sua peculiar moradora foram o ponto de partida para que ele tecesse uma curiosa e tensa história de profundidade, protagonizada por Margarida Bonetti, brasileira acusada de manter uma pessoa em situação análoga à escravidão durante 20 anos nos Estados Unidos.

Antes mesmo do último episódio ir ao ar, no dia 21 de julho de 2022, o podcast produzido pela *Folha de S. Paulo* batia recordes de avaliação por parte dos ouvintes: 5 estrelas, nota máxima, considerando a média das 115 mil opiniões registradas.

O primeiro episódio foi lançado com publicidade modesta, em 8 de junho de 2022, nas principais plataformas de *streaming*² de áudio do mercado. Mas não demorou até que o programa se tornasse popular através de divulgação espontânea, ou seja, quando os próprios ouvintes recomendam o produto aos seus conhecidos. Segundo dados da *Folha*³, o podcast manteve-se no topo da listagem dos mais ouvidos no Brasil pelo menos entre 10 de junho – apenas dois dias depois de lançado – e 20 de julho na plataforma Spotify⁴. Três dos seus capítulos permaneceram como os mais escutados do país neste mesmo período. Considerando downloads, foram quase 7 milhões nas principais plataformas de áudio nos primeiros 40 dias.

Aproveitamos o sucesso do programa para analisar sua estrutura, passando por conteúdo e forma, na intenção de traçar caminhos pelos quais seja possível repensar as mídias informativas do nosso tempo. Suspeitamos que alguns novos produtos jornalísticos demonstram uma superação da dicotomia “objetividade *versus* subjetividade”, e que o podcast “A Mulher da Casa Abandonada” possa ser um deles. Para investigar essa hipótese, iremos em busca de evidências que dialoguem com a produção deste conteúdo com o conceito de Jornalismo Sensível (ROCHA, 2022), no intuito de descobrir se e como esse material, na seara de outros (vide “O Caso Evandro”⁵), desperta o interesse do público, e se proporciona ou não a ele um olhar mais complexo acerca da realidade. Interessa-nos compreender as estratégias do podcast e sua forma própria de afetação, considerando o potencial de levar o público a uma reflexão mais densa e empática a respeito de um problema que se prova estrutural em nossa sociedade: o crime da escravidão.

¹ *True crime* (“crime real” ou “crime verdadeiro”, em tradução livre) é um gênero de não ficção, tanto literário quanto cinematográfico – e que se estendeu aos podcasts. Ele se dedica a estudar, investigar, analisar e expor em detalhes um crime real, incluindo fatos, documentos, cenários e pessoas envolvidas. Diferentemente de outras obras baseadas em histórias reais, a intenção do *true crime* é trazer o passo a passo das investigações, focando nas reviravoltas e curiosidades de cada descoberta. Costuma focar em histórias tão imprevisíveis ou impactantes que chegam a parecer criações totalmente fantasiosas, como nos romances policiais.

² Tecnologia que transmite um fluxo de dados ou conteúdo multimídia com sincronidade e velocidade utilizando redes digitais, sobretudo a internet. Dentre as plataformas mais famosas estão o YouTube, o Spotify e a Netflix.

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>> Acesso em: 23 jul. 2022.

⁴ Lançado em 7 de outubro de 2008, tornou-se o serviço de *streaming* de música, podcasts e produções de áudio em geral mais popular do mundo, com 422 milhões de usuários ativos no primeiro trimestre de 2022.

⁵ “O Caso Evandro” é a quarta temporada do Projeto Humanos, criado pelo professor universitário Ivan Mizanuk. Em 37 episódios, o podcast conta a história da investigação do assassinato do menino Evandro Ramos Caetano, de 7 anos. Sete pessoas foram inicialmente acusadas pelo crime, que aconteceu em Guaratuba (PR), em 1992. Segundo crenças da época, o assassinato teria acontecido em um ritual de “bruxaria” na serraria da família do prefeito da cidade. Os acusados assumiram a culpa, mas pouco tempo depois alegaram que as confissões eram falsas e que foram obtidas sob tortura.

Para tanto, este artigo inicia-se com uma breve reflexão acerca dos afetos no som, das possibilidades de experiência e sensorialidade que podem ser exploradas no âmbito da mídia sonora para envolver quem a escuta. Em seguida, passaremos a trabalhar subtópicos que relacionam características do conceito de Jornalismo Sensível com aspectos do podcast. Quando couber, reproduziremos também comentários de Chico Felitti sobre o seu trabalho. Por fim, refletiremos pontualmente sobre as consequências materiais da veiculação desta série. É crível falar em circo midiático e espetacularização a partir deste produto? Se sim, como seria possível evitar o esvaziamento de importantes discussões frente ao sensacionalismo, sem perder o que há de potente nesta produção?

Afetos do Som

Em *Dos meios às mediações*, Martín-Barbero (2006, p. 317) lembra-nos da força das “histórias de crimes” na cultura oral brasileira, sobretudo através das emissoras de rádio do país. Ele cita o programa de Gil Gomes, iniciado em 1968, para ressaltar algumas peculiaridades desta mídia e do gênero policial dentro dela. Martín-Barbero explica que esse narrador confrontava o discurso tradicionalizado para a notícia ao projetar suas histórias enquanto “relato de experiência” em uma “dramatização do real”. Este seria o uso de um “lado corporal da arte de narrar”, quando a voz carrega consigo efeitos sensoriais, explorando ainda tom e ritmo para jogar com o universo das emoções e afetar seu público. Dessa forma, ressalta Martín-Barbero, o radialista seria capaz de aproximar o estranho do cotidiano, e conectar a experiência individual ao curso do mundo. Como consequência, o popular tornava-se presente na mídia e os marginalizados sociais ganhavam histórias cheias de contexto e profundidade.

Ora, é sabido que a voz e a condução de sons têm aplicações próprias no processo de reconhecimento pessoal e contato com a realidade, parte biológico e parte social, remetendo a estímulos que se desenvolvem já na relação embrionária entre mãe e filho. Segundo Cerqueira (2021, p. 20), ao conjugar o universo sonoro à base integrativa humana, é possível afirmar que este cosmo sensorial e afetivo, o sonoro-musical, compõe a realidade comunicativa e identitária do sujeito desde a sua fase uterina, período no qual a relação com o mundo (que até então se restringe à troca com a mãe) se dá por meio de sons e ritmos. Percepção complementar vemos em Nunes (2004, p. 18), quando a autora cita a voz materna, responsável por ninar, soando como música ao lactante, que ainda não consegue decodificar uma linguagem articulada. Na esteira desta relação, a pesquisadora afirma que veículos de comunicação como o rádio fazem mais do que informar: eles falam de perto com a nossa existência física e psíquica (Ibidem, p. 25), vinculando signos míticos e remetendo aos afetos conhecidos desde a fase inicial da vida.

Para além das características do meio, estamos diante do que Cerqueira (2021, p. 20) chama de “relação de base ontológica com os sons” que cria “uma forma mais efetiva de comunicação e vinculação”. O som é o primeiro contato do homem com o mundo; teve papel crucial na história comunicativa, sendo anterior à escrita; ainda é a principal fonte de transmissão de informações para muitas comunidades (basta lembrarmos da relação entre os povos originários e a oralidade) e para muitos indivíduos (vale mencionar que no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2020, 11 milhões de pessoas são analfabetas). O som é companhia, enchendo o ambiente da presença humana; tem propriedades terapêuticas, sendo capaz, por exemplo, de acionar memórias no cérebro de pessoas com Alzheimer; contempla sotaques, línguas, regionalismos, que podem facilmente ser identificados pelo ouvinte atento. Além de todas essas características, a construção sonora, moldada pela voz, música e efeitos, transmitida sem o acessório da imagem mecanicamente projetada, estimula os imaginários de forma própria, íntima, física e psicológica.

A condução sonora é uma experiência estética potencializada pelo silêncio no mundo externo, provocado em um momento de calma ou por fones auriculares. A intimidade desta experiência abraça seu espectador, abriga-o enquanto também é abrigada e transformada por ele. Ela transporta o ouvinte enquanto o próprio ouvinte a transporta por seus sentidos e referências. Tem lugar próprio e bem definido enquanto mídia de imersão e, por isso, é bastante fértil à produção de um Jornalismo Sensível. Trataremos, então, “A Mulher da Casa Abandonada” sob esta perspectiva, que nos ajuda a dialogar meio e mediação.

Jornalismo Sensível

O Jornalismo Sensível, conceituado por Rocha (2022), diz respeito a repensar a produção noticiosa sob uma matriz que considera os afetos, os olhares e seus impactos. Trata também de expor e conduzir imaginários. Ele surge como uma linha para a produção teórica e prática de conteúdos informativos que sejam ao mesmo tempo atraentes aos públicos e capazes de ampliar sua percepção sobre o mundo. Sua concretização se dá por meio de uma lógica informativa complexa, na qual as subjetividades ganham destaque para que se possa conduzir esteticamente diferentes sujeitos; construir cenários imagéticos imersivos; causar estranhamentos; fomentar visões plurais da realidade; expor o método jornalístico; dar estilo autoral à narrativa; e aproximar o público do repórter e dos personagens, buscando gerar, para além de conteúdo consumível, informação que o comova como um estímulo à empatia.

A renovação do jornalismo nesses moldes parece ser um caminho interessante frente à desinformação e à perda de credibilidade vivida pelas mídias na contemporaneidade. Descrente do discurso de uma verdade absoluta, frustrado por não encontrar seu cotidiano bem representado nos meios de comunicação e recebendo incontáveis estímulos de informação, o público se vê muitas vezes perdido entre discursos contraditórios. Diante da importância social que a profissão carrega – a aproximação de distintas realidades, trazendo luz sobre problemáticas cotidianas que precisam ser discutidas –, a busca por uma reconexão entre quem cria, consome e protagoniza produtos jornalísticos é crucial. É preciso afetar com o intuito de contribuir para que os indivíduos desenvolvam novas formas de relação com o outro e com o mundo.

O sensível na era da velocidade

Há em *O Jornalismo Sensível: Leituras plurais da realidade mediadas pelos afetos* (ROCHA, 2022) um debate sobre o espaço das produções de profundidade na chamada era da velocidade. Apesar de o senso comum apontar para novos cotidianos escassos de contemplação e experiência, passando por consumos cada vez menos pacientes, banalizados e acelerados na contemporaneidade, um suposto indicativo de que apenas mídias informativas encurtadas teriam chance de receber atenção, existem evidências que atestam o contrário. Os livros *best-seller* têm uma média de páginas cada vez maior; as séries audiovisuais nos serviços de *streaming* colocam legiões de assinantes em maratonas de dezenas de horas frente à tela para acompanhar os desfechos de capítulos de uma mesma história por vez; os jogos de videogame apostam progressivamente em imersão, com centenas de horas de jogabilidade e narrativa; e os podcasts acumulam seguidores dispostos a imergir em programas que normalmente ultrapassam uma hora de duração (ROCHA, 2022, p. 28-29). Até mesmo os

vídeos de plataformas como o YouTube⁶ parecem mais longos em comparação com as métricas de uma década atrás, talvez uma forma de contrastar ao recente fenômeno TikTok⁷.

Com isso, é justificável supor que o prognóstico de agitação e de falta de paciência dos novos públicos está mais atrelado à produção de conteúdos que não conversam tanto com sua cultura de afetos do que a uma falta de capacidade para dedicação e imersão por parte destas gerações. Ou seja, em vez de ceder à velocidade e ao consumo frenéticos, é possível que os comunicadores sejam capazes de adaptar seus conteúdos em formas mais sedutoras aos públicos, conquistando sua atenção de maneira prolongada. A “Mulher da Casa Abandonada” é um exemplo disso. Dos sete episódios que compõem o podcast (não contabilizamos aqui o oitavo, publicado posteriormente com comentários de Felitti a respeito da repercussão da série), o mais curto possui 35min40 e o mais longo 55min32. No total, são cerca de 320 minutos de necessária imersão⁸. Dados importantes à total compreensão da história são apresentados em quantidade a todo momento, da descrição detalhada de uma cena às linhas de documentos jurídicos. A título de exemplo, trazemos um trecho do episódio 6, “Um fim que não é bem um fim”. Essa é parte da explicação a respeito das batalhas judiciais por imóveis em que Margarida está envolvida:

Em fevereiro de 2019, foi a leilão um conjunto de salas comerciais na frente do Copan, o prédio mais famoso do centro de São Paulo. Era um conjunto de sete salas, onde funcionava um laboratório de análises clínicas, mais cinco salas que estavam vazias. Somadas, as 12 salas comerciais foram avaliadas em mais de um milhão e 200 mil reais. Em primeiro de março de 2021, foi autorizada a venda de um apartamento no encontro das avenidas Higienópolis e Angélica. Até novembro de 2020, a dívida do imóvel era de R\$ 5.300,82, de condomínios não pagos e de multas. Os apartamentos no mesmo prédio têm de 120 m² a 300 m² de área, e são vendidos por mais de R\$ 1 milhão. Podem custar até R\$ 3 milhões. Não que a herança esteja perto de acabar. Além da casa abandonada, Margarida ainda tem uma fatia de imóveis na Rua Tinhorão, uma viela de Higienópolis, e mais uma fazenda em Itajubá. Ou seja, a mulher da casa abandonada é herdeira de parte de pelo menos uma dúzia de imóveis. Todos esses bens estão parados, acumulando pó e dívidas. Só que isso pode mudar em breve porque a casa abandonada acaba de receber um lance.

Datas, tipos de propriedades, nomes de ruas, valores e metragens com diversos dígitos somam-se em 46 segundos de locução. Diferentemente do texto, em que se pode ler e reler o parágrafo para apreender todas as informações, o podcast se move sozinho. Para ouvir novamente um detalhe que escapa é preciso pausar e voltar nos minutos até o momento exato em que a atenção se perdeu. Bem menos prático, de forma que uma escuta fluida do material demanda que ela seja também atenta.

⁶ Além da comparação com o formato reduzido de tempo em plataformas como o TikTok e o Kwai, podemos apontar como possível estímulo à produção de vídeos mais longos em uma nova era do YouTube, a cultura das lives, reforçada durante a pandemia de Covid-19. A observação é apenas uma inferência e precisaria de um estudo próprio para ser confirmada.

⁷ Aplicativo de mídia lançado em 2016 e popularizado em 2018, dedicado ao compartilhamento de vídeos curtos, com no máximo 60 segundos de duração.

⁸ Vale citar um podcast que exigiu imersão ainda maior com uma audiência também notória. Trata-se do já mencionado “O Caso Evandro”. Contabilizando todos os episódios, o menor deles com 26 minutos de duração e o maior com 155 minutos, esse produto exige mais de 57 horas de escuta, quase dois dias e meio ininterruptos, com uma média de 1 hora e meia por episódio. Apesar de o tempo médio ser quase o dobro do maior episódio de “A Mulher da Casa Abandonada”, e a série ter cinco vezes o tamanho da que analisamos aqui, em março de 2021 “O Caso Evandro” alcançava 8 milhões de downloads, tornando essa uma das mais influentes produções em podcast do país. O sucesso foi tamanho que extrapolou o formato, sendo adaptado para a TV e como livro.

O sensível e a viabilidade econômica

Além de questionamentos sobre a capacidade de retenção do público, este tipo de jornalismo que alia necessidade de imersão (dos espectadores e jornalistas) e alto investimento (de tempo e dinheiro) costuma esbarrar em críticas sobre a sua “real viabilidade econômica”. Existe mercado interessado nisso? Há quem queira anunciar? Há público que pague para ter acesso? “A Mulher da Casa Abandonada” ajuda a responder esta questão.

Apenas um dia após o lançamento do último capítulo do podcast⁹, os episódios alcançavam mais de 1 milhão de downloads na média, enquanto o canal da *Folha* no Youtube, que replica a produção, decolava em audiência (são mais de 1 milhão e 180 mil visualizações somando os sete episódios¹⁰ e 3.600 novos inscritos¹¹). O podcast teve tanto destaque de público que acabou, naturalmente, ganhando a atenção de outras mídias e de anunciantes. Os dois últimos episódios, inclusive, tiveram “intervalos comerciais” com inserções publicitárias.

Segundo o gerente de negócios digitais da *Folha de S. Paulo*, Artur Pero Siviero, em entrevista cedida ao site *Meio e Mensagem*¹², a demanda surgiu com o sucesso do programa, enquanto ele ainda estava sendo lançado. Por isso, a própria equipe da *Folha* teve que produzir *spots* internamente e reeditar os episódios para incluir as publicidades. Apesar de não ter exposto os resultados financeiros, Siviero garantiu que eles foram “extraordinários”. O gerente de negócios digitais destacou também que houve total cuidado para não associar diretamente conceitos de ficção e história real, uma vez que a publicidade tratou de um filme fantasioso de suspense policial, o que conversa com a temática *true crime* do podcast. Daí a ideia de usar um “intervalo comercial” nos moldes já reconhecíveis pelo grande público brasileiro dentro de canais televisivos.

Além de motivar publicidade, a boa audiência do programa foi usada para atrair novas assinaturas à versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*, que chegou a promover uma *live* exclusiva para assinantes com o jornalista-autor do podcast. O anúncio da *live*, feito horas antes de lançarem o capítulo final, convidava o público a subscrever o plano pago do jornal e então conseguir acompanhar o conteúdo exclusivo. Durante o próprio episódio 7, no segundo intervalo publicitário, o ouvinte é convidado novamente a fazer a assinatura da *Folha* e conhecer outros podcasts e trabalhos jornalísticos da empresa.

Neste exemplo, o êxito de público converteu-se em êxito comercial, ou pelo menos em caminho potente para novos negócios. Isso demonstra ser possível pensar em novas formas de manutenção econômica através de um jornalismo de profundidade, seja pela inserção de publicidade, seja por proporcionar produtos pelos quais os consumidores estariam dispostos a pagar.

Um indício de que o formato (e não só a temática) tem tudo a ver com o sucesso de repercussão é o fato de que a história do crime cometido por Margarida Bonetti já havia sido noticiada há duas décadas, mas 20 anos antes ela não teve nem de perto o mesmo impacto, ainda que contasse com o fator ineditismo. Não há grande novidade aqui, sobretudo nos primeiros episódios. Logo, tudo indica que uma precisa aliança entre meio e formato deu ao

⁹ Consideramos como último capítulo o episódio 7, intitulado “A Mulher da Casa Abandonada”, tal como o nome do podcast. É quando são divulgados trechos da entrevista concedida por Margarida Bonetti.

¹⁰ Chegamos a este número em agosto de 2022 somando as visualizações em cada episódio no YouTube da *Folha*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YsgkO39_MiY&list=PLEU7Upkdqe7Gy_dR5-4-4Sx28T3499XUF> Acesso em: 14 ago. 2022.

¹¹ A média de downloads e o número de novos inscritos foram retirados de matéria da *Folha de S. Paulo* acerca do sucesso do podcast. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml>> Acesso em: 23 jul. 2022.

¹² Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/07/22/true-crime-grande-apelo-ao-publico-mas-e-as-marcas.html>> Acesso em: 2 ago. 2022.

podcast vigor e atenção necessários para um novo alcance e, simultaneamente, a conquista de um novo mercado.

Ainda na matéria do site *Meio e Mensagem*, o vice-presidente de vendas publicitárias da Warner Bros. Discovery no Brasil, Roberto Nascimento, destaca o atual sucesso dos conteúdos dedicados a crimes reais em seus canais. Para ele, posicionar a visão do espectador a partir dos olhos de um investigador, que decifra mistérios de um caso assustadoramente real, é um elemento-chave do envolvimento e engajamento que esse tipo de conteúdo é capaz de gerar. Além disso, a busca por justiça seria capaz de segurar a atenção do público até o fim. Há certamente consequências dessas escolhas, como discutiremos adiante, mas é inegável que pensar hoje em um jornalismo no formato *true crime* é pensar em afetações capazes de mover novos públicos.

A dedicação dos espectadores (e das empresas) a este tipo de produção vem ganhando espaço e deixando de parecer uma moda passageira ou caso pontual. Exceção ou não, o podcast indica um caminho que aponta para a viabilidade econômica de produções em profundidade, sensíveis e de imersão. Mais uma vez, torna-se útil focar nos sentidos e sensações que tocam os públicos em vez de limitar nossos olhares a fórmulas rasas.

O sensível e a imersão

Boa parte do que seduz o espectador em uma narrativa vem da capacidade de colocá-lo dentro da história. A imersão aqui é possível ao público porque anteriormente é vivida por Chico Felitti. O nosso primeiro contato com a mulher que se apresenta como “Mari” se dá em dezembro de 2021, quando o real interesse do repórter por ela ainda não é revelado. Na antevéspera do Natal, Chico surge como um transeunte curioso, pronto a apoiar a senhora de rosto empastelado de pomada, roupas surradas e cheiro ruim em sua luta para tentar evitar a derrubada de uma árvore no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo. Daí em diante acompanhamos uma apuração que segue até o fim de maio de 2022, data em que Chico consegue uma entrevista inédita com Margarida Bonetti¹³.

Nesses cinco meses, ele passa a conhecer hábitos da intrigante mulher, principalmente através de relatos dos vizinhos; descobre que aquela não era só uma figura excêntrica paulistana vivendo em uma mansão em ruínas. Fica sabendo que ela foi investigada por um crime praticado nos Estados Unidos; viaja até lá atrás de respostas; descobre o paradeiro de outro envolvido no caso; entrevista uma testemunha-chave; tem acesso a documentos do processo; sai da história para contextualizar a condição análoga à escravidão no século XXI; desvenda o que aconteceu após a fuga de Margarida para o Brasil; consulta um advogado especializado para entender o motivo de uma fugitiva do FBI nunca ter sido julgada; mergulha no patrimônio da família Bonetti; e passa dez dias próximo à casa que dá título ao podcast em busca de uma chance de entrevistar sua protagonista. Falar sobre o fato de Margarida e o marido, René, terem mantido uma empregada doméstica em cárcere privado, submetida a jornadas exaustivas de trabalho, em condições degradantes, sem salário, sem posse de seus próprios documentos e negando a ela acesso a tratamentos médicos, além de agredi-la psicológica e fisicamente.

O nível de entrega de Felitti à apuração nesta série investigativa condiz com o tipo de contato que o Jornalismo Sensível pressupõe:

¹³ Acusada de escravizar uma pessoa por anos e nunca ter sido julgada, ela jamais havia cedido qualquer entrevista sobre o caso. A Felitti, Margarida afirma que é vítima de um complô com fins financeiros orquestrado pelo FBI, por congressistas e advogados. Tal “complô” teria se dado para aprovar a lei que aumentou a proteção a empregadas domésticas de famílias estrangeiras nos Estados Unidos.

Esse tipo de produção não fictícia deve ser *fruto de um contato imersivo do jornalista com a realidade que pretende relatar, em um aprendizado experiencial que exige doação, envolvimento e uma abordagem complexa de empatia*, mas que carrega um enorme potencial de produzir grandes recompensas. Ao *desenvolver um universo na mente do leitor*, o texto se torna mais interessante e passível de aproximar sua verdade do acontecimento relatado (ROCHA, 2022, p. 131, grifos nossos).

É preciso desenvolver um universo na mente do leitor, algo potencializado pela construção de imaginários, mas que exige conteúdo. E ele está presente em “A Mulher da Casa Abandonada”, que se configura enquanto grande reportagem, se tomarmos a definição do termo por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 24). Segundo o autor, o adjetivo “grande” atrelado à reportagem significa que o aprofundamento no gênero é extensivo e intensivo. À narrativa são incorporados elementos que permitam tanto a dimensão horizontal quanto a dimensão vertical do relato. A primeira diz respeito, entre outros fatores, ao nível de detalhamento na apresentação dos dados. Já verticalmente o aprofundamento é intensivo quando o texto contempla a raiz do tema até desdobramentos e implicações. Tecendo o encontro entre causas e efeitos, como diz Lima, o jornalista está apto a oferecer uma leitura complexa da realidade. No podcast, o aprofundamento intensivo pode ser percebido no episódio 5, “Outras tantas mulheres”, no qual o jornalista abre um hiato na narrativa cronológica e trata de alguns outros casos bastante parecidos com a história que vinha trabalhando até então, sem deixar de explorar dados e números que reiteram a dimensão do problema neste percurso. Esse propósito é exposto logo de início:

Vamos voltar para São Paulo e encontrar a mulher da casa abandonada em breve. Mas, antes, vamos mostrar que o caso investigado nesta série é chocante. Mas está longe de ser o único. Neste episódio, a gente vai investigar casos que aconteceram em lugares distantes do Brasil: um no Triângulo Mineiro, outro em Santos e um terceiro no Rio de Janeiro. Essas histórias todas se parecem com o crime atribuído à mulher da casa abandonada. Porque a exploração de trabalho análogo à escravidão acontece em casas do norte ao sul do Brasil. Ainda. Em 2022.

A proposta é sair da história central, que mobiliza a audiência e faz todos aguardarem pelo próximo capítulo, para uma vez gerado o interesse, contextualizar o que se vende como o cerne do podcast: a denúncia da escravidão no século XXI. No episódio 5, essa denúncia vai contemplar desde a raiz do problema, o passado que persiste por meio do racismo estrutural, até as implicações nas vidas das vítimas. Uma delas é Madalena Gordiano, 46 anos, dos quais 38 viveu em trabalho análogo à escravidão em Minas Gerais, tendo até mesmo comida negada pela família Milagres Rigueira. Às falas de Madalena, colhidas pela produtora do podcast Beatriz Trevisan, e ao relato de outras duas histórias semelhantes, se somam dados estatísticos e depoimentos de especialistas. Luana Simões Pinheiro trabalha com gênero e raça no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Alline Oishi é procuradora do Ministério Público do Trabalho de São Paulo. Vem de Luana a afirmação de que o trabalho doméstico análogo à escravidão está assentado em três desigualdades: a racial, a de gênero e a de renda. As vítimas são mulheres, negras e pobres. Já Alline elucida questões trabalhistas e explica de que forma a lei classifica enquanto crime condições como as enfrentadas por essas mulheres.

Apesar de todas as perspectivas e assuntos que perpassam a trama, segundo o próprio Chico Felitti¹⁴, este podcast trata principalmente do “privilegio” e do “racismo” de uma classe

¹⁴ Em comentários acerca dos bastidores da série no podcast “Um milkshake chamado Wanda”. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5pEfZTkNrvSHprXzggUEuh?si=sniw_N4ETafWqD4PgNkaA&context=spotify%3Ashow%3A05mXtsHUlelamU3w0nGJ8a&nd=1> Acesso em: 14 jul. 2022.

elitista branca sobre uma população pobre negra, composta em sua maioria por mulheres. E há uma construção narrativa para conduzir os ouvintes por estes temas.

Novamente vale lembrar que o caso não é novo – nem a fuga de Margarida e a prisão do então marido René Bonetti pelo crime nem a situação análoga à escravidão –, não há ineditismo; exatamente por isso é importante que seja divulgado. Os problemas que a obra aborda persistem na sociedade e é necessário falar sobre eles. Ultrapassar o valor-notícia da “novidade” é fundamental aqui, e o programa demonstra uma forma eficiente de fazer isso por meio do aprofundamento intensivo enquanto mantém o interesse do espectador. O resultado prático pôde ser medido: um levantamento do Ministério Público do Trabalho mostrou que a média mensal de denúncias sobre trabalho doméstico análogo à escravidão passou de 7 para 16 após o dia 8 de junho, estreia do podcast, um aumento de 123% nas ocorrências em dois meses, reforçando a importância deste produto jornalístico.

Conforme as perspectivas de um Jornalismo Sensível, Chico Felitti aproveita engajamento, contextualização, humanização e identificação de uma história única para criar conexões com diversas outras parecidas. Utiliza um caso para explorar vários, mostrar que não é isolado e proporcionar uma dimensão mais geral da questão relatada. O problema, que é estrutural, encontra gancho por meio de uma personagem curiosa e um estilismo próprio do jornalista-autor, abrindo caminho para um universo de percepções (ROCHA, 2022, p. 155).

Na produção também há traços do aprofundamento extensivo de que fala Edvaldo Pereira Lima. O trecho a seguir é um exemplo disso e foi igualmente retirado do episódio 5:

É 27 de novembro de 2020, uma sexta-feira. Uma empregada doméstica está voltando para o apartamento onde trabalha e mora no centro de Patos de Minas. O imóvel é avaliado em 600 mil reais. Ela tinha saído para comprar tomates a pedido do patrão, um professor universitário da família Milagres Rigueira. Os sobrenomes são da elite tradicional de São Miguel do Anta, também em Minas Gerais.

O texto contempla data, ação que a mulher executava, localidade onde morava, preço do imóvel (em contraste com a miserabilidade com que Madalena vivia), nome dos patrões e a informação de que são uma família abastada. Esse nível de detalhamento é uma marca do podcast. Margarida Bonetti é descrita em minúcias (“*A outra, ao lado dela, é uma mulher baixa e gorducha, com uma camiseta tie dye azul marinho, calça preta e tênis esporte. Uma faixa preta cobre o cabelo também preto, como se ela estivesse fazendo jogging*”). A casa onde Margarida vive é descrita em minúcias (“*Há várias caixas tetrapak de feijão pronto, três potes de achocolatado com um quilo e meio cada um e pelo menos 15 garrafas de um litro e meio de suco de uva, ocupando duas prateleiras de uma estante inteira*”). A tortura a que a vítima dos Bonetti era submetida é também descrita em minúcias, a partir da leitura de trechos de um processo de 300 páginas (“*Em outra ocasião, a senhora Bonetti arrancou chumaços do cabelo da vítima, o que causou sangramento, porque não gostou de como a vítima estava dando banho no cachorro*”). Mesmo os passos de Chico Felitti são descritos em minúcias (“*O sol mal nasceu no domingo, dia 29 de maio, e eu estou na rua. Vou passar mais um dia de plantão na porta da casa abandonada. Mas, antes, eu me permito um luxo minúsculo. Levo o jornal até a padaria e me sento para tomar um café enquanto leio*”).

A quantidade de elementos é um recurso narrativo eficaz para envolver o ouvinte, mas também tem relação com a imersão. Mesmo que nem todas as cenas tenham sido observadas *in loco* por Felitti, ele mergulha em relatos, em matérias sobre o caso, em fotos e constrói cenários. Desvia do enredo-chave para contextualizar, recurso capaz de induzir sua audiência ao aprofundamento de uma problemática que exige enfrentamento, para além de senso crítico. O resultado do trabalho é uma grande reportagem investigativa repleta de informações, que flerta com o ficcional e talvez induza perigosamente o público seduzido a fazer o mesmo,

embora o autor sinalize constantemente tratar da realidade.

O sensível e o engajamento a partir da narrativa

A fórmula é antiga, assim como seu poder de engajamento. Truman Capote a experimentou no romance-reportagem “A Sangue Frio”, de 1965. Contada inicialmente para a revista *The New Yorker*, a história do assassinato da família Kluter no Kansas e de seus dois algozes, Perry Smith e Dick Hickcock, virou também livro e se tornou um dos grandes exemplos do Jornalismo Literário¹⁵, além de sucesso de público e crítica. Uma fração disso, como pôde constatar o próprio Capote, tem relação com a sua imersão. Ele passou mais de um ano na região do crime e se tornou próximo dos acusados. Parte advém da forma de contar essa história, utilizando recursos advindos da ficção. Há a descrição, a força que arrebatava o leitor e desperta o seu interesse, o elemento da tensão, que instaura no ar um suspense¹⁶:

Nas primeiras horas daquela madrugada de novembro, porém, sons nada costumeiros sobrepueram-se aos ruídos noturnos normais de Holcomb – a histeria aguda dos coiotes, o arrastar seco das folhas sopradas pelo vento, o lamento distante dos apitos de locomotiva. Na ocasião, não foram ouvidos por ninguém na Holcomb adormecida – quatro disparos de espingarda que, no fim das contas, deram cabo de um total de seis vidas humanas (CAPOTE, 2006, p. 24).

A mesma lógica está por trás dos trechos de “A Mulher da Casa abandonada” reproduzidos abaixo, um colhido do primeiro episódio e outro do penúltimo:

A reportagem tem uma foto. É um retrato de René e Margarida. A mulher na foto é Margarida Bonetti. Uma mulher morena e baixa, os olhos amendoados e o rosto redondo. Eu olho para a foto e vejo nela alguém que conheço. Por mais que o rosto tenha mudado com duas décadas e que carregue uma camada de substância oleosa. Margarida Bonetti é Mari. Margarida Bonetti é a mulher da casa abandonada. E a mulher da casa abandonada é foragida da Justiça americana por ter cometido um dos crimes mais impensáveis que existem.

Eu vou embora da casa abandonada. É o fim. Ou, melhor, é um fim, por mais que não seja o fim que eu esperava. Essa mulher tem direito de negar uma entrevista. De fugir de mim. Eu pelo menos consegui chegar até ela e oferecer a oportunidade de dar a versão dela da história. E ela não quis [...] Mas o que eu pensei ser o fim era só um falso fim. Uma hora depois que eu chego em casa, meu telefone toca. E, do outro lado da linha está Margarida Bonetti, a mulher da casa abandonada, disposta a dar a primeira entrevista da vida dela.

¹⁵ Gênero jornalístico que usa traços da literatura, compreendido de diferentes formas por vários autores, e com diversos subgrupos catalogados. Com destaque histórico em um período de renovação do campo nos Estados Unidos dos anos 1960 (em um movimento liderado por Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolf e Norman Mailer), o Jornalismo Literário, segundo as pesquisas de Mônica Martinez (2009), teria emergindo ainda no século XVII, nos primeiros livros-reportagem escritos.

¹⁶ Ao conceituar o que chamam de reportagem-conto, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 75) citam determinadas características do gênero literário que seriam aplicáveis à reportagem, o que justificaria a associação. Os autores têm como argumentos os quatro atributos do conto apontados pelo russo Anton Tchekhov (força, clareza, condensação e novidade), junto de uma contribuição do escritor Edgar Allan Poe: a tensão.

Nos dois casos, assim como em “A Sangue Frio”, a presença da tensão é crucial para o efeito gerado. Há um retardamento da narrativa de forma a constituir um clímax, e o leitor ou o ouvinte passará a ansiar por ele. O que são os sons nada costumeiros em Holcomb? Quem é o rosto conhecido? Por que não é o fim? E, principalmente, o que Margarida fala na primeira entrevista da vida dela? Não por acaso o episódio 6 termina anunciando o telefone que toca. O público que acompanhou em tempo real o podcast precisou aguardar uma semana depois desse ponto alto da narrativa para saber a resposta. E ele queria saber a resposta.

Ao verificarmos os episódios do podcast pensando nas escolhas narrativas, ocorre uma conexão quase direta com a matriz cultural simbólico-dramática sobre a qual nos falou Martín-Barbero (2006). O clima de investigação jornalística policial de guerrilha, trocando informações e boatos com vizinhos, o que muitos ouvintes vão comparar a um “viés da fofoca”, bebe na fonte do melodrama latino-americano, e não deixa de ser informativo só por ser popular. Em contraste a um jornalismo hegemônico marcado pela busca da pura racionalidade e objetividade integral, o que Chico Felitti faz é sedutor.

Somente correndo riscos se pode descobrir a conexão cultural entre a estética melodramática e os dispositivos de sobrevivência e de revanche da matriz que irriga as culturas populares. Uma estética melodramática que se atreve a violar na separação racionalista entre os assuntos ‘sérios’ e os temas destituídos de valor, a tratar os fatos políticos como fatos dramáticos e a romper com a ‘objetividade’ observando as situações a partir daquele outro ponto de vista que interpela a subjetividade dos leitores (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 250).

A violação citada por Martín-Barbero e a consideração quanto à subjetividade dos leitores são dois pontos basilares para o diálogo dos afetos proposto por Cremilda Medina (2008). A autora defende a diluição das barreiras da objetividade em favor do envolvimento emocional com o que é dito e do relacionamento entre sujeitos. Ao refletir sobre a narrativa como significação do mundo, Rocha (2022, p. 129) constata que o conceito de Jornalismo Sensível se aproxima desse entendimento, pois para o paradigma relacional (troca) superar o paradigma informacional (entrega), “[...] é mister que o repórter tenha noção de sua potencialidade sensível. Essa potência permite aproximar o jornalístico da arte poética, literária, que, como vimos, pode estimular sentidos para além do que descrevem as palavras”. Dando atenção aos cinco sentidos, considerando sensibilidades em todos os níveis da produção informativa e narrando o cotidiano de forma a empatizar e se conectar com o outro, o jornalista estaria mais próximo, segundo Rocha, de “[...] servir como porta para um mundo muito mais complexo do que supõem as teorias racionalistas” (Ibidem, p. 130).

Chico Felitti tem consciência do poder que a narrativa possui para atrair o público, um primeiro passo importante rumo à apresentação de um mundo mais complexo. Essa consciência é expressa em sua fala no podcast “Café da Manhã”¹⁷, da *Folha de S. Paulo*, quando Felitti comenta bastidores de “A Mulher da Casa Abandonada” e aproxima o que faz ali do Jornalismo Literário. Ele chega a citar a tensão, que mencionamos anteriormente:

Você vai fazer uma reportagem mais longa ou um livro, você precisa ter um texto que vai fazer o leitor e a leitora, ou nesse caso o ouvinte e a ouvinte, quererem seguir adiante. Então você vai dando informações, você vai contando o contexto, você vai narrando cenas na medida em que a história vai andando. Então, você tem os finais dos episódios, por exemplo, que têm ganchos ali. E você deixa o suspense pro que vai acontecer no próximo, para que a pessoa continue ouvindo. Mas isso também é uma característica do

¹⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/cafede-manha-chico-felitti-fala-sobre-desdobramentos-do-podcast-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>> Acesso em: 26 jul. 2022.

Jornalismo Literário. A partir do momento em que você vai fazer um trabalho que é maior, seja um texto de dez páginas, seja um podcast de oito episódios, seja um documentário de cinco capítulos, acho que você precisa usar sim algumas técnicas narrativas para manter a atenção da pessoa, para manter o interesse da pessoa, mas sem resvalar no sensacionalismo e sem nunca resvalar também na ficção. Você usa só a realidade para criar uma tensão narrativa.

Podemos entender, então, que Chico Felitti se propõe a produzir uma variação em podcast do Radiojornalismo Narrativo (ou do storytelling), conceito trabalhado por Marcelo Kischinhevsky (2018, p. 78) enquanto “[...] uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações”. O pesquisador explica que produções neste formato costumam ter apresentadores que narram histórias em primeira pessoa, verbalizam suas dúvidas, impressões e também opiniões pessoais, porém buscando manter valores considerados “fundamentais” na profissão, como por exemplo a busca pela verdade e a necessidade de apresentar mais de um olhar sobre um mesmo fato¹⁸. Além disso, este tipo de jornalismo abusa das potências radiofônicas para explorar sensações e envolver o público, usando trilhas e efeitos sonoros para explorar a imersão através da ambientação. Em outro artigo, Kischinhevsky e Herschmann (2008, p. 103) destacam que o formato tem enorme potencial de mobilização social, levando ao desenvolvimento de trabalhos com os diversos atores sociais em relações mais horizontais.

O sensível e a empatia no jornalista-autor

Chico Felitti nunca deixa de estar presente em sua obra. Isso faz com que além de personagem ativo, condutor da própria história, ele possa ser visto também como um jornalista-autor. Tudo o que “enxergamos” no podcast é transmitido pela mediação de seu olhar e de suas palavras. Como é comum ressaltarmos em análises transpassadas pelo Jornalismo Sensível e pela corrente teórica da Análise do Discurso, aqui o profissional não se contém ao usar jogos de palavras, comparações, ao expor os próprios sentimentos conforme experimentamos cada parte da narrativa. É através de uma cadeia de sentidos que somos conduzidos, como se o autor nos pegasse pela mão para apresentar a sua casa. Neste processo, ele narra, descreve, ambienta, cria cenários imagéticos que são interpretados pelos ouvintes. Um jogo de experiências e sensações que transita entre as referências e afetos dos sujeitos.

Faz parte dessa “intuição criadora” narrar com base em sua própria experiência e para a experiência do outro, utilizando técnicas de pesquisa e entrevista para reconstruir um acontecimento dentro das vias dos imaginários. Logo, o jornalista-autor é, sim, portador de uma estética e de um traço próprios, mas é também representante da estrutura social complexa que compõe o seu relato, funde-se e recria-se pela noção objetiva, emocional e técnica dos envolvidos por sua atividade. O texto final é uma mediação das experiências do jornalista e da sua equipe, combinadas às experiências coletadas por ele, ou seja, de seu trabalho agregador (ROCHA, 2022, p. 142)

¹⁸ Vale lembrar, porém, que essas são também táticas, integrantes da objetividade como ritual estratégico, de que fala Gaye Tuchman (1993, p. 79-83). Ao ouvir os dois lados da questão; ao apresentar provas auxiliares que corroboram afirmações; ao considerar que as opiniões estão nas aspas dos entrevistados e os fatos falam por si; ao estruturar o texto hierarquizando informações, o jornalista se resguarda de críticas, inclusive jurídicas, a seu trabalho. Não há uma verdade pura, que o profissional irá buscar e simplesmente transmitir. Antes, há leituras acerca do real, e o jornalista terá a sua, precisando transparecer se tratar de uma construção e assumir a sua presença neste processo, sem deixar, no entanto, de apresentar outras leituras, outras vozes.

É nesse sentido que Felitti imprime sua assinatura na obra, através de seu olhar e de sua estética. Não faz um relato focado na objetividade, não segue um padrão industrializado de narrativa. Em vez disso, conta um caso usando o seu jeito de contar. É mesmo o jornalista e o autor da história. E é uma coisa sem deixar de ser a outra, já que a sensibilidade do jornalista-autor deve expor os rastros da produção informativa, caminhos, técnicas, métodos, erros e acertos, conquistas e frustrações, incrementando não só verdade como também complexidade de tantos olhares quanto possíveis à história, por sua vez sempre situada.

Esse tipo de incorporação não só expõe o jornalista ao seu público, como um policial que se livra de suas armas antes de interrogar alguém, mas também demonstra a preocupação do veículo em explicar os processos jornalísticos por trás da história (se o policial pode se livrar de suas armas de fogo para tranquilizar seus interrogados, o jornalista, por sua vez, pode se desvincular da instituição jornal [...] expondo-se por completo no texto e, assim, reforçando a confiança do seu receptor ao se mostrar vulnerável). Tal abordagem traz transparência à prática profissional e confiança sobre o conteúdo relatado (Ibidem, p. 160).

“A Mulher da Casa Abandonada” é um exemplo de texto informativo capaz de lidar com estilismo, emoções e dados, trazendo ao ouvinte mais do que conteúdo para consumo rápido. Felitti encontra vias para desconstruir banalizações usando os afetos como ferramenta de imersão e informação. Para o Jornalismo Sensível, complementa-se a isso a busca por um trabalho de constante empatia, que revela um mundo feito por pessoas tão vivas e complexas quanto os próprios jornalistas e espectadores. Pessoas que precisam lidar com dor, emoção, euforia e frustração diárias.

Quando se compreende de forma mais evidente a ação do jornalista-autor, há uma humanização do mediador, o que conforta o público no ato de “pensar por si”, se comparado à visão mecânica lançada sobre matérias formuladas na voz de uma entidade teoricamente regulamentada para narrar a realidade pronta. Trabalhando com clareza sentimentos que excedem a individualidade, conseguimos também desenvolver relações mais bem acabadas de empatia, até rompendo barreiras comunitárias e formando um olhar mais complexo sobre as formas de vivência no mundo (Ibidem, p. 143-144).

Em suma, o Jornalismo Sensível seria capaz de estimular a sensibilidade empática do receptor e aproximá-lo da realidade social plural. Mas será que o podcast analisado realmente dialoga com esta perspectiva? Observamos que Felitti se equilibra em um fio que separa a exposição dos desafios e métodos do seu trabalho de um tom aventureiro, de trazer para si os holofotes e tornar-se uma espécie de jornalista desbravador, em um cenário que pode dar mais importância aos seus feitos de persistência e investigação do que à própria história ou tema que alega propor na produção (os privilégios de uma determinada classe rica e branca sobre outra, preta e pobre). Ao assumir o lugar de mediador da história e, por vezes, de personagem principal, ele entra em contradição e pode ironicamente aproximar-se do âmbito que propõe criticar. Chico Felitti é branco, homem e mora naquela mesma vizinhança rica. Essas informações não estão tão explícitas no podcast e não são reiteradas (ele menciona de forma breve no primeiro episódio que se mudou recentemente para Higienópolis), logo, precisamos pesquisar mais sobre ele para saber que tipo de olhar media nossas experiências.

Não existe métrica, uma receita pronta. O jornalista precisa ser sensível para compreender até que ponto cabe colocar a si e aos demais participantes em sua obra. Conforme vimos, o profissional da informação é também representante da estrutura social e complexa que compõe o seu relato. Por isso, seria importante situar bem o seu lugar de fala diante de uma história que aborda exatamente gênero, cor e classe social.

Felitti define o que expõe sobre si e parece não se furtar a expor outros atores envolvidos no processo, sejam aqueles que protagonizaram o crime noticiado, sejam os informantes encontrados no caminho da investigação. Neste ponto, vemos uma falta de cuidado empático e quebra no roteiro de qualidades que o Jornalismo Sensível traz à ideia do jornalista-autor. Chico Felitti acaba colocando-se mais enquanto um investigador em busca de respostas e menos como pessoa que compartilha um universo de sentidos com seus colegas narrados e com o público consumidor.

Por fim, cabe ressaltar aqui o recurso útil de “serviço” utilizado no podcast. Por vezes, o jornalista-autor abre mão de sua perspectiva narrativa, emocional e alegórica para assumir um tom bem mais objetivo e informar ao público como identificar e denunciar suspeitas de abuso e trabalho análogo à escravidão. Quando surge, a nota é direta, didática e rompe completamente com o estilo novelesco do programa. Ainda assim, é encaixada de modo a não atrapalhar em nada a condução narrativa enquanto soma em função social.

Reflexão para além da obra

Uma das propostas principais do Jornalismo Sensível é trazer um conteúdo que não termine em si, que tenha impacto social e provoque reflexões críticas, capazes de estimular empatia e mudanças práticas no cotidiano dos sujeitos afetados por ele. O jornalista Chico Felitti estimula esse movimento o tempo todo, inclusive ao procurar uma moral para a história que está narrando. Enquanto repete inúmeras vezes no episódio 6 que esta é uma “história real” e que, por isso, não precisa ter um final feliz, impactante ou uma lição em sentido clássico, ele procura fechar sua história exatamente alcançando uma dessas premissas, e expõe sua frustração quando, em um primeiro momento, não consegue. Existe um claro embate entre informação e forma em sua busca, entre ser real e ser esteticamente atraente.

Neste e em outros períodos, o jornalista-autor do podcast expõe seus próprios entendimentos ao público, instigando os receptores a fazerem o mesmo. Há momentos, porém, em que ele torna explícitas as suas inferências como algo definitivo para si. Este tipo de influência projetada a partir de um narrador personagem não confiável¹⁹, que entretanto ocupa dois lugares de percepção de verdade (narrador e jornalista), deve ser feito com cautela, pois pode extrapolar o estímulo à reflexão e, em vez disso, agendar caminhos e lógicas de pensamento a ouvintes menos letrados midiaticamente. Em outras palavras, o jornalista está em um local de autoridade, dominando a retórica, por isso pode dar a impressão de verdade absoluta quando apresenta conclusões pessoais em vez de apenas propor debates e reflexões. Nestes casos, uma produção sensível deve ter perícia redobrada.

O sensível, o pressuposto ético e a transparência

Como demonstrado, ao defender o jornalista que assume a função de autor, fazendo-se presente não só pelo estilo, pelas emoções, mas também por descrever sua relação com a história, revelando metodologias e técnicas, Rocha (2022, p. 160) cita a transparência. O

¹⁹ Um narrador não confiável é um narrador com a credibilidade comprometida em algum nível, seja por ter viés, ponto de vista ou intenção. A condição pode ser exposta desde o início de uma obra narrada (seja na literatura, no cinema, no teatro etc.), no desenrolar da história ou no fim, como artifício de revelação para culminar num desfecho inesperado. O emprego do narrador não confiável pode ter como objetivo tanto conceituar o espectador quanto enganá-lo. O termo foi cunhado por Wayne C. Booth no tratado *The Rhetoric of Fiction* (BOOTH, 1983). Importante notar que só é possível pensar em um narrador 100% confiável (sem confusões nem vieses) em ficções, nas quais o autor pode ter total controle sobre as regras e verdades de seu mundo.

Jornalismo Sensível, portanto, pressupõe que sejam expostas parcialidade, subjetividade e também as lógicas de produção. Trata-se de dar a conhecer os rastros da presença da mediação jornalística como forma de conquistar credibilidade e humanizar o texto.

Em “A Mulher da Casa Abandonada”, a todo momento conhecemos os passos de Felitti. Nos Estados Unidos, descobrimos como ele consegue ter acesso ao processo em um fórum da região de Greenbelt, mergulhando a partir de então na história de René e Margarida Bonetti, o casal brasileiro que se mudou para o subúrbio de Washington em 1979 levando consigo uma empregada doméstica também brasileira. Essa mulher permaneceu em cárcere privado até o fim dos anos 1990. É quando René é indiciado e Margarida volta ao Brasil às pressas, indo morar na mansão de sua família em Higienópolis. O contato com um padre, que apresenta Felitti a uma líder comunitária, o leva à testemunha-chave do processo: Vic Schneider, a vizinha que ajudou o FBI na investigação do caso. Pouco a pouco, as peças vão se encaixando, e a apuração para que isso aconteça é esmiuçada.

No Brasil, literalmente acompanhamos os passos apressados gravados em áudio enquanto o repórter corre da padaria onde estava até a casa que dá título ao podcast, após receber a informação de que a dona da mansão em ruínas estava no jardim. A corrida tem motivo: nos minutos anteriores, o jornalista descreve em detalhes os dias de plantão na praça Vilaboim, à espera de um sinal de Margarida Bonetti, para que pudesse explicar a reportagem e escutar a versão dela sobre o crime. Meses separam esta manhã da noite em que o jornalista se deparou com Margarida pela primeira vez:

Daí, um belo dia, eu estava andando com a minha cachorra pela rua perto das onze da noite, e tomei um susto. Tinha um rosto rindo das plantas que cercam a casa abandonada. Um rosto brilhante, que parecia uma lua refletindo a luz dos postes. Era a cara de Mari, besuntada de pomada branca. De pé no jardim da casa, olhava quem passava fora. Na época, eu ainda não sabia o nome dela. Nem que alguém vivia na casa abandonada. E aquela aparência atiçou ainda mais a curiosidade. As roupas desgrenhadas. A camada de substância oleosa que sempre cobre o rosto. O tom de voz fino, sempre entre o gentil e o imperativo. E eu decidi que queria descobrir quem era a mulher, porque eu queria contar a história dela. Foi daí que eu passei a andar com um gravador e ligá-lo toda vez que cruzava com ela.

Reproduzimos o trecho por entendermos que algumas reflexões devem ser feitas. A investigação inicia-se pelo que Felitti descreve como uma “curiosidade” em relação à figura da mulher, até então sem saber da existência de um crime cometido por ela. Ele viu o rosto branco e as vestes desgrenhadas, na casa em mau estado de conservação, num dos bairros mais ricos de São Paulo. A surpresa é um dos valores-notícia que fazem com que um fato ou alguém esteja na mídia. O que causa espanto e foge ao comum atrai a atenção. Do jornalista e do ouvinte. Há, no entanto, um perigo em relação a esse espanto: a exotificação do outro.

No livro no qual analisa a representação de marginalizados sociais na grande reportagem, Luiza Gould (2022) aborda essa questão a partir da alusão ao trabalho do artista chileno Alfredo Jaar. Em *Searching for Africa in Life* (Procurando por África em *Life*), de 1996, Jaar reúne todas as 2.500 capas dessa revista norte-americana ao longo das seis décadas de sua existência. Em uma das edições, o leitor é convidado a conhecer a “beleza selvagem da África” enquanto se depara na capa com um homem negro em primeiro plano, de corpo pintado, cocar e olhos esbugalhados.

O leitor é estimulado a ver o Outro como o estrangeiro excêntrico, o pitoresco, a quem se pode subjugar. Esse é o ‘como compreender’ a que Hall se refere, nesse caso o como compreender o africano. Quando não é o

exótico, ele é o sofredor, a criança, cujos ossos tão aparentes, tem o seu fim decretado (GOULD, 2022, p. 115).

Embora os contextos sejam díspares, é inegável que ao criar sua narrativa, Chico Felitti guia a imaginação do ouvinte para que, como ele, compreenda aquela figura de uma maneira específica, a partir do estranhamento²⁰. No podcast “Um Milkshake Chamado Wanda”²¹, uma conversa entre amigos sobre os bastidores da série, seu tom de voz é jocoso quando ele comenta a situação: “Eu conheci, no fim do ano passado, uma senhorinha muito... única na rua [...] E eu fiquei ‘cara, o que que é isso?’, sabe?”. Talvez por já conhecer o crime cometido por Margarida, Felitti tenha uma repulsa que o faz voltar nesta cena, do primeiro encontro com a personagem, dessa maneira. Talvez o estilo de conversa informal estabelecido naquele bate-papo tenha contribuído para o tom do comentário. De qualquer forma, é válido aqui um movimento que Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019, p. 14) estimulam: “[...] uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante”. Preocupação semelhante parece estar por trás da crítica do professor e pesquisador Rogério Christofolletti (2022, online) ao mais recente trabalho de Felitti:

Em “A Mulher da Casa Abandonada”, não vejo um investimento por um efetivo interesse, mas pela curiosidade. Há algo de jocoso nas vinhetas e temas musicais de fundo. Existe um permanente tom especulativo e a arquitetura de alguns capítulos se apoia quase que exclusivamente nas queixas e impressionismos de vizinhos. Não chega a ser um podcast sensacionalista, mas em muitos momentos ele é apelativo. O que era para ser “investigativo” aproxima-se perigosamente das fofocas de um bairro privilegiado, que se divide entre problemas de arborização e a convivência com uma moradora esquisitona. Em vários trechos também, resta a impressão de que o passado tenebroso e criminoso da personagem-título vitamina a ânsia coletiva para perseguir a vizinha inconveniente e indesejável. Da voz do narrador, emerge com força uma superioridade moral que ajuda a promover um inadiável julgamento daquela mulher.

Entendemos que há ponderações possíveis em relação ao que escreve Christofolletti, como o fato de o esforço de apuração e a contextualização acerca do crime cometido fazerem o material ser bem mais do que a reprodução das fofocas de um bairro privilegiado. O apelo também parece importante para conquistar a audiência e levá-la a pensar sobre o tema, embora seja compreensível a interrogação a respeito do nível dele, ponto a que retornaremos na parte final deste artigo.

De forma geral, dentre as críticas mais comuns feitas à “Mulher da Casa Abandonada” por profissionais da área, pesquisadores da Comunicação e das Ciências Humanas, além dos próprios ouvintes em redes sociais como o Twitter estão o fato de o podcast tecer comentários opinativos quase deterministas sobre o sistema criminal brasileiro e o estadunidense; a percepção da construção de um discurso esteticamente punitivista, que incentiva determinadas intervenções populares, ainda que Felitti em suas falas busque objetivamente o caminho oposto; o fato de a produção deixar muito evidente a localização de Margarida e criar uma mítica quase sobrenatural à imagem dela; a entrevista dela em um último episódio, tratado

²⁰ Com base no Formalismo Russo, Rocha (2022, p. 132) explica que o “estranhamento” diz respeito a desfamiliarizar; é um processo através do qual buscam-se sentidos em uma singularização, desbanalização ou desautomatização que traz curiosidade e efeitos de ineditismo. O estranhamento tende não só a interessar como também a repelir, duas reações quase opostas que se alteram por detalhes, entre elas a predisposição do sujeito e a forma como ele é conduzido e apresentado a esse “estranho” ou “estrangeiro”.

²¹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/5pEfZTkNrvSHprXzggUEuh?si=sniw_N4ETtafWqD4PgNkaA&context=spotify%3Ashow%3A05mXtsHUlelamU3w0nGJ8a&nd=1> Acesso em: 14 jul. 2022.

como ápice da narrativa e dando status de grandeza à mulher; a descrição dos flagelos da vítima; e o fato de haver elementos suficientes para que seja possível identificá-la.

Chico Felitti repete diversas vezes que o nome da brasileira que viveu décadas em condições análogas à escravidão não é mencionado para preservá-la, mas ao descrever o processo de apuração, ele cita os portais que noticiaram a investigação na época e chega a reproduzir alguns segundos de matéria do Jornal da Globo sobre a prisão de René Bonetti e a libertação da vítima. Uma breve pesquisa no Google permite encontrar essa nota coberta, lida pela âncora do telejornal na época, Ana Paula Padrão. Ali é citado não só o nome da mulher, como há imagens dela nos Estados Unidos. Ou seja, por um lado ele estimula a curiosidade e por outro dá elementos para que o espectador descubra por si aquilo que o jornalista afirma não ser ético divulgar. Ademais, a exposição da violência sofrida por essa brasileira em tantos pormenores comove e causa indignação, mostra a dimensão desse crime, mas ao mesmo tempo pode servir como um gatilho. Seria esse o melhor caminho? É o tipo de situação em que não apenas critérios de ética, mas também de empatia e sensibilidade devem ser usados com o máximo de cuidado e responsabilidade pelos profissionais envolvidos.

Um outro questionamento diz respeito à decisão de Felitti de ligar o gravador ao se encontrar com Margarida. E não só com ela. O jornalista grava desde o pedido de uma pizza para lanchar enquanto espera por algum sinal da personagem ao que fala a recepcionista de uma empresa de tecnologia no estado da Virgínia, onde tenta encontrar René Bonetti. No podcast “Um Milkshake Chamado Wanda”²², Felitti afirma o seguinte sobre o uso do gravador: “Eu estou fazendo uma biografia e mais um podcast, ou seja, eu só gravo tudo o tempo inteiro. E mesmo o que não é trabalho eu gravo [...] Gravei meu cachorro comendo, gravei meu cachorro brigando com outro cachorro na rua... Eu sou um acumulador de sons”.

Exceto os áudios de entrevistas, os demais são captados sem a consulta prévia dos envolvidos, o que fica claro no decorrer do podcast. Seria correto divulgá-los considerando que seres humanos estão envolvidos e não autorizaram nem a gravação nem a exposição de suas falas? No caso de Margarida Bonetti, ela concedeu uma entrevista de mais de duas horas por telefone, com trechos disponibilizados no sétimo episódio. Mas já no primeiro há dezenas de minutos de gravação dela e de outras pessoas (uma vizinha, funcionários da prefeitura que cortavam uma árvore no bairro, e funcionárias da farmácia, onde Felitti comprou uma máscara facial para Margarida). Embora auxilie na ambientação (o ouvinte se sente nas cenas) e traga informações importantes sobre a maneira com que a mulher trata quem está prestando um serviço, os fins justificam os meios empregados?

Não há uma resposta pronta para as perguntas levantadas neste artigo, mas talvez o que falte em “A Mulher da Casa Abandonada” é que perguntas auto direcionadas sejam feitas, dilemas sejam considerados e compartilhados com o público. Isso é o que faz Eliane Brum no livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida*. Com mais de 20 anos de uma carreira marcada pela produção de reportagens, ela sabe que seus textos denunciam violências, como aquela sofrida por ribeirinhos por conta da construção da usina de Belo Monte. Mas tem medo de que a palavra oral de seus personagens, uma vez convertida em palavra escrita, amplie feridas. Afinal, as letras que o pescador Otávio das Chagas não pôde ler já lhe tiraram o pedaço de chão, o rio.

Acumulo algumas dezenas de arquivos, literalmente centenas de milhares de caracteres, com transcrições de entrevistas e observações sobre ribeirinhos no Tapajós e no Xingu e seus afluentes, porque nos últimos anos não conseguia me autorizar a completar a reportagem [...] Não tinha convicção de que era ético converter em letra escrita a palavra oral que pertencia a um outro – e a um outro que persistentemente era violado pela palavra escrita.

²² Vide referência na nota anterior.

Temia que o que eu nomeava como encontro pudesse ser violência. E o que eu chamava de reportagem fosse grilagem (BRUM, 2017, p. 367).

O processo de ponderar o próprio fazer é imprescindível para corrigir rumos e lidar com a complexidade das vidas que se tornam personagens. Esse processo também seria útil no podcast da *Folha* no que diz respeito a certa glamourização do trabalho jornalístico. Voltemos ao ponto do sexto episódio em que Felitti está na padaria e corre até a casa abandonada. O áudio de um repórter sem fôlego correndo vem junto de uma informação: ele leva sete minutos para percorrer o trecho que, segundo o Google Maps, demoraria 18. Esse é um dos momentos em que mais do que revelar o processo, o heroísmo de um jornalista-autor assumindo a alcunha de investigador entra em cena. O que é problemático, como constata Gould (2022, p. 214):

Se é possível chegar a alguma consideração neste estudo, talvez a consideração seja esta: a grande reportagem contribuirá para um jornalismo mais íntegro e integral quando estiver a serviço do Outro. Não quando o repórter for o herói, ou quando seu objetivo for construir um espetáculo midiático, mas quando quiser conhecer seus personagens e fazer os leitores entenderem como o ser humano é multifacetado.

Consequências materiais: era uma vez um espetáculo midiático?

Integra o escopo de um Jornalismo Sensível considerar sempre as afetações, sejam elas os gatilhos que o público possa ter ou ações e percepções estimuladas, como a exaltação e o ódio. Se por um lado o agendamento midiático²³ (MCCOMBS, 2009) provocado por “A Mulher da Casa Abandonada” faz dobrarem os números de denúncias a casos como o relatado no podcast, cria também confusão e festa.

O trabalho de Chico Felitti se tornou um fenômeno. Com metade dos episódios lançados, a tal casa abandonada já havia se transformado em ponto turístico. Quem passava pelo bairro de Higienópolis não deixava de procurar pelo imóvel. E encontrá-lo tornou-se cada vez mais fácil, diante da multidão e do policiamento que se reunia em frente à casa. O cenário inclusive virou um dos mais cobijados para plano de fundo das microfilmagens na plataforma TikTok. Além disso, uma equipe do Instituto Luisa Mell²⁴ entrou na mansão para resgatar alguns cachorros de Margarida Bonetti e fazer uma avaliação para saber se houve abandono ou não dos animais. Em sequência de vídeos publicados nas redes sociais, o delegado Bruno Lima disse que a Vigilância Sanitária e o Controle de Zoonoses também foram acionados para verificar o local. E na tarde de 20 de julho, a Polícia Civil de São Paulo cumpriu um mandado de busca e apreensão na residência, arrombando uma janela para entrar na casa. A operação fez parte de um inquérito para averiguar um possível abandono de incapaz, tendo como vítima agora Margarida Bonetti. A investigação teve início depois que vizinhos ligaram para diversas delegacias afirmando que uma pessoa com aparentes problemas de saúde mental precisava de ajuda. No mesmo dia 20 de julho, pela manhã, foi ao ar o último episódio de “A Mulher da Casa Abandonada”. Seria essa uma coincidência?

²³ Formulada pela dupla de pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw, a Teoria do Agendamento indica que a mídia não pode dizer às pessoas o que pensar, mas consegue influenciar a agenda de debates do seu público de forma relevante. Em 1968, ano de campanha eleitoral presidencial nos Estados Unidos, os pesquisadores compararam os temas mais enfatizados pelos meios de comunicação com aqueles postos como mais relevantes segundo os eleitores, confirmando grande semelhança entre ambos.

²⁴ A ONG tem como fim a proteção animal e ao meio ambiente, atuando no resgate de animais feridos ou em situação de risco, recuperação e adoção.

O sucesso no TikTok, a ação da Polícia Civil e do instituto de defesa dos animais são apenas alguns exemplos de como a produção de Chico Felitti agendou dinâmicas políticas e sociais que, inclusive, afetaram diretamente a resolução da história que ele propôs contar. A força do jornalismo em afetar os rumos de sua pauta não é novidade. Tomemos como exemplos clássicos da interferência midiática em situações de risco no Brasil, como foram os casos do ônibus 174²⁵ e o da menina Eloá²⁶. Soma-se a estes o midiaticamente conhecido caso das “Bruxas de Guaratuba”²⁷ (recontado em “O Caso Evandro”, no Projeto Humanos). Como alternativa de viés positivo, podemos pensar no famoso Watergate²⁸, nos Estados Unidos. São histórias reais que reforçam não haver jornalismo sem impacto e responsabilidade social. Logo, as possíveis consequências de uma produção devem ser sempre avaliadas por quem reporta. A obra informativa não termina em si, é ativa. O jornalista estuda e prepara-se para saber comunicar; deve pensar na estrutura dinâmica e complexa entre o envio da mensagem, possíveis ruídos, decodificações das recepções e trocas que permeiam todo o processo. O público consome e constrói leituras a partir do que lê, vê ou ouve.

Fazer um Jornalismo Sensível é considerar os impactos de suas ações enquanto profissional da área. Mas, pelas entrevistas cedidas por Chico Felitti aos podcasts “Café da Manhã”, da própria *Folha de S. Paulo*, e “Um Milkshake Chamado Wanda”, do Spotify, fica clara a percepção de isenção do jornalista quanto às consequências. É como se o seu trabalho se restringisse à entrega do produto, da informação, tal qual um mensageiro. Como se não houvesse potência social no que faz, a menos que seja positiva. É claro que a comunicação é uma dinâmica imprecisa, não há como prever até onde pode nos levar. Mas cabe ao jornalista observar as consequências e procurar desenvolver seu trabalho também a partir delas em vez de lamentar as reações dos públicos como se fossem afastadas de si. Essa postura é perigosa para o campo, porque limita o aprendizado por erros e acertos. Neste artigo, propomos aprender com o total da experiência verificada, considerando Felitti enquanto o mediador que

²⁵ No dia 12 de junho de 2000, Sandro Barbosa do Nascimento manteve reféns 11 pessoas dentro de um ônibus no Jardim Botânico, bairro do Rio de Janeiro. No documentário *Ônibus 174*, de José Padilha, testemunhas apontam a influência da mídia no desenrolar do caso, que terminou com a refém Geisa Gonçalves e o próprio Sandro mortos. Uma das mulheres que estava no veículo e o então secretário de Segurança Pública do Rio, Luís Eduardo Soares, opinaram que o fato de ser protagonista e receber atenção impulsionou Sandro. Algumas das cenas vividas no ônibus foram dramatizadas (ele alertava as vítimas que não iria ferir, mas que elas deveriam gritar), por Sandro saber que estava em rede nacional. Depois da tragédia, a mídia reconstituiu a sua história de vida. Ele viu a mãe ser assassinada e sobreviveu à chacina da Candelária.

²⁶ Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, foi mantida refém por seu ex-namorado Lindemberg Fernandes em Santo André (SP), no ano de 2008. Após mais de cem horas de cárcere privado transmitido em rede nacional por emissoras de televisão, policiais entraram no apartamento da vítima e lutaram com Lindemberg, que atirou em direção à Eloá e à amiga Nayara Silva. Eloá morreu horas depois no hospital. A atuação da mídia no caso envolveu a exibição de imagens da jovem na janela de casa aos prantos pedindo calma à mãe, e uma entrevista ao vivo de Lindemberg e Eloá por telefone à jornalista Sônia Abrão, da *Rede TV!*, que acabou ocupando a linha telefônica (contato direto entre sequestrador e polícia) e interferindo nas negociações.

²⁷ Tornou-se comum para grandes e pequenos veículos de jornalismo tratar o caso de Guaratuba a partir da tese de que havia uma “seita satânica” responsável pelo “sacrifício” de crianças em “rituais de magia”. Boa parte das mídias referia-se aos acusados iniciais como “bruxos”, ainda que sequer houvesse qualquer conclusão na investigação policial. O caso evidencia espetacularização midiática, ou seja, uma relação simbólica mediada que busca validar discursos irrealistas, inflamando a percepção de públicos sobre a história. Como é possível observar pelo podcast “Projeto Humanos”, esse movimento que atravessou o jornalismo teve forte papel na comoção popular. A audiência envolveu-se de tal forma que prejudicou as investigações, pressionando uma resolução rápida do caso e já apontando quem seriam os culpados. Grupos revoltados chegaram a apedrejar a casa dos acusados e buscar linchamento. O caso mostra como discursos punitivistas e preconceituosos podem ser usados através do aparato midiático em prol da manutenção de determinada ideia e da própria repercussão da pauta.

²⁸ Um conjunto de matérias investigativas do jornal *The Washington Post*, entre 1972 e 1974, produzidas por Bob Woodward e Carl Bernstein, culminou em um escândalo político que terminou com a renúncia, em agosto de 1974, do presidente dos Estados Unidos Richard Nixon. O ponto de partida da investigação jornalística foi uma aparentemente deslocada invasão para roubo aos escritórios do Partido Democrata americano em Washington, no conjunto de edifícios Watergate.

ele é, responsável portanto por escolher, filtrar, validar, traduzir, decodificar, enquadrar e comentar o que divulga (MALHEIROS, 2004, apud MORETSON, 2007, p. 120).

Considerações Finais

Deve-se notar que o sucesso do podcast analisado tem estreita relação com as potências do meio (estímulo próprio da mídia sonora), mas também com a mediação. É pelo roteiro, pela forma que se conta a história, que se edita e ainda por uma tradição cultural e ritual marcada tanto pela potência do rádio quanto pelo melodrama que o ouvinte é conquistado. O fato de enquadrar-se em um gênero, o *True Crime*, em alta no Brasil e no mundo, certamente também pesou para os fortes índices de audiência. Compreendemos, portanto, que as escolhas narrativas do jornalista-autor foram fundamentais, estratégias acertadas para alcançar seu público.

Apesar de toda a estrutura sensível do projeto, é possível abrir debates sobre os limites tênues da construção do próprio jornalista enquanto herói da história (seu esforço, dinâmica e instinto são exaltados e colocados como determinantes para a produção) e dos diferentes níveis de exposição tanto da vítima quanto dos escravocratas. Por vezes, é possível sentir que o uso das emoções esbarra e até atravessa o borrão que separa o Jornalismo Sensível do sensacionalista. Estas medidas não são exatas, mas humanas. E haverá sempre a necessidade de um trabalho reflexivo na condução das melhores escolhas para informar, denunciar, expor, comover e afetar com responsabilidade social e emocional.

Nos perguntávamos a priori se este podcast supera a dicotomia “objetividade *versus* subjetividade”. Acreditamos que sim, porém não sem expor outros problemas. Fica a impressão de que é sim possível fazer um jornalismo mais completo, dinâmico e social, porém isso só é viável quando há maior estudo, esmero e dedicação, atrelando discussões do âmbito acadêmico à formação de futuros profissionais e à prática jornalística. Para uma produção mais complexa é preciso um trabalho mais complexo, envolvendo aprofundamento, reflexão e múltiplos atores.

O podcast foi tomado de polêmicas e confusões que extrapolaram a produção e causaram diversas consequências cotidianas para a maioria dos envolvidos no caso e também para as comunidades ao redor deles. Há um tipo de reação característica atrelada à forma instigante com que “A Mulher da Casa Abandonada” retrata uma história real, através de uma condução narrativa que, muitas vezes, se confunde com aquela experimentada na ficção. Por esse motivo, é preciso frisar: o jornalismo pretensamente sensível deve projetar consequências e ter sempre em vista que, apesar de pessoas converterem-se em “personagens”, recortes dentro de uma produção midiática, do lado de fora continuam sendo humanos completos, com contexto, sentimentos, conexões e vidas próprias. Assim também são os profissionais envolvidos na produção e os públicos consumidores.

As temáticas retratadas por Chico Felitti envolvem problemas estruturais que afetam não só os citados pelo programa como também jornalistas, editores, produtores, instituições nacionais e o público de modo geral. Diante de tamanha relevância, deve-se problematizar, por exemplo, a forma com que se fala e denuncia a violência contra corpos marginalizados, sob o risco claro de transformar jornalismo em espetacularização. Há inúmeras questões sensíveis aqui, dilemas e opções que não são nem podem ser contemplados por manuais técnicos. Humanidade, empatia e percepção social (olhar sobre sua própria cultura e tempo) estão ligados às subjetividades do jornalista-autor e da equipe envolvida no projeto.

Boa parte das consequências, da repercussão, dos elogios e das críticas do programa tiveram espaço porque “A Mulher da Casa Abandonada” extrapolou o sentido jornalístico.

Virou fofoca, novela, em certo aspecto mais entretenimento do que informação. Já seu autor passou a transpor espaços nos imaginários entre jornalista, personagem, herói e celebridade. O jornalismo, por seu peso e relevância social, capaz de afetar o mundo que o abriga, deve ter noção de seus impactos. Deve estar focado em promover mudança e serviço à sociedade, não em fazer sucesso, ainda que este seja um risco atrelado ao bom desempenho e alcance. Mas não adianta ter boas intenções, fazer um jornalismo de cartilha, até mesmo viver a imersão, e esperar pelo resultado. É preciso ser profissional, cuidadoso e criterioso, sob o risco constante das boas intenções converterem-se em desastres.

Ao deixar de ser informação e tornar-se sucesso, a produção jornalística desenvolve glamourização, idealização e ficção. Torna-se espetáculo e atrapalha seus valores mais úteis. Mas enquanto conduz afetos de forma sensível e responsável, tem potencial para conquistar e conscientizar os mais diferentes públicos, servindo ao social sem que haja contrapartida.

Referências

- BOOTH, Wayne. **Rhetoric of Fiction**. 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CERQUEIRA, Bárbara Maia. Vínculos afetivos no consumo radiofônico: identidade, território e escuta diaspórica. 2021. 183 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- GOULD, Luiza. **A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social**. Curitiba: Appris, 2022.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; HERSCHMANN, Micael. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, p. 101-108, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.
- MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: A mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2006.
- MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. VI, n. 1, p. 71-83, jan./jun 2009.
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e Cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O Mito na Rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume, 2004.

ROCHA, Victor. **O Jornalismo Sensível**: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos. Appris Editora, Curitiba, 2022.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 6. ed. São Paulo: Summus, 1986.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Bega, 1993. p. 74-90.